

A rainha D. Leonor e a experiência espiritual das clarissas coletinas do mosteiro da Madre de Deus de Lisboa (1509-1525)

Em 1509, entravam no mosteiro da Madre de Deus de Lisboa as primeiras sete religiosas que viriam a inaugurar a mais importante comunidade de clarissas coletinas portuguesas¹. Todas as freiras tinham nos anos anteriores ajudado a fundar o convento de Jesus de Setúbal que, desde 1496, introduzira na história Ordem Segunda de S. Francisco em Portugal a reforma iniciada por S. Coleta de Corbie (1381-1447), caracterizada por uma restauração da Regra Primeira de S. Clara e por um aprofundamento de uma experiência de estrita clausura, pobreza radical e especialização contemplativa. Desde as primeiras tentativas para reformar as clarissas portuguesas, discutidas nas décadas de setenta e oitenta do século XV em torno do cenóbio de Nossa Senhora da Conceição de Beja, que encontramos permanentemente a rainha D. Leonor (1458-1525) a dirigir a sua protecção, os seus mecenatos, mas também a sua influência e empenho religioso e espiritual para a renovação do mundo monástico da Ordem de S. Clara. Um apoio activo e comprometido que se tornaria mesmo decisivo na edificação da experiência da comunidade de Jesus de Setúbal, realizada em comunicação estreita com a reforma das clarissas de Gandía, uma das primeiras casas religiosas a aderir e a difundir nos espaços ibéricos a reforma de S. Coleta de Corbie e, significativamente, a fornecer a maior parte das religiosas que entraria na clausura do convento setubalense para, de seguida, concorrer para fundar o mosteiro coletino xabregano.² D. Leonor encontraria, de resto, na edificação da Madre de Deus de Xabregas o

¹ Os temas e problemas relacionados com a história da Ordem de S. Clara em Portugal sumariados neste artigo remetem para as investigações apresentadas na nossa dissertação de doutoramento Ivo Carneiro de SOUSA, *A Rainha da Misericórdia na história da espiritualidade em Portugal na Época do Renascimento*, Porto, FLUP, 1992, 3 vols, em particular, I, 3ª parte «A Reforma Coletinas da Ordem de S. Clara».

² Um estudo mais demorado sobre as ligações entre a rainha D. Leonor e a reforma coletina das clarissas ibéricas encontra-se na comunicação que apresentámos recentemente ao Congresso Internacional «Las Clarissas en España y Portugal», Salamanca, Universidad Pontificia, 20-25 de

mais decisivo paradigma da sua vida religiosa e espiritual, transformando rapidamente a comunidade de clarissas coletinas na principal casa reformada da Segunda Ordem, ao mesmo tempo que vazava o cenóbio no mais atraente e frequentado santuário renascentista português, comprometido com um amplo projecto de renovação penitencial dos espaços urbanos lisboetas, em contraposição espiritual ao aprofundamento do cosmopolitismo mercantil e comercial. Não é, porém, este complexo programa religioso que interessa a esta investigação que procura, com anterioridade, tentar discutir quais as principais dialécticas e intercâmbios espirituais que se foram estabelecendo entre a experiência religiosa da comunidade coletina de Xabregas e a actividade religiosa de D. Leonor e dos seus círculos que informava, nos horizontes cronológicos de 1509 a 1525, o mais importante mecenato litúrgico e religioso do seu tempo, para além de representar uma das mais significativas polarizações da cultura religiosa epocal, pautando-a por renovações que se estendiam das observâncias franciscanas à divulgação de novas correntes de espiritualidade, largamente comunicadas a partir das espiritualidades do *Quattrocento* italiano...

Sabe-se ainda, em termos gerais, quais foram os principais veios que especializaram a espiritualidade da comunidade coletina de Xabregas, cruzando a Regra Primeira de S. Clara com as Constituições de S. Coleta, promovendo a leitura das obras clarianas com a meditação de textos de inspiração franciscana para edificar uma experiência marcada pela radicalidade da ascese e pela exacerbação de uma vida contemplativa que elevava a oração mental e os exercícios místicos. Identificou-se também uma comunidade de origem social elevada, congraçando religiosas vindas de Gandía com freiras portuguesas de condição elitária, muitas delas saindo directamente da casa e da corte de D. Leonor. Não parece, contudo, possível explicar a especificidade da experiência religiosa e, sobretudo, a exemplaridade da espiritualidade da comunidade coletina da Madre de Deus sem a casar comprometidamente com a protecção e a influência leonorinas, a sua vida religiosa e espiritual, os programas e direcções que a sua espiritualidade foi constantemente perseguindo e promovendo...

E, no entanto, se seguirmos as principais colecções de crónicas e de

hagiografias dedicadas também à história do mosteiro da Madre de Deus não deixaremos de identificar uma recorrente ideia que trata de vincular a fundação do cenóbio coletino naturalmente à acção directa de D. Leonor, mas, ao mesmo tempo, procuram geralmente esses textos insinuar univocamente a sugestão de haver encontrado a rainha na vida claustral das clarissas xabreganas os motivos fundamentais que enformavam e praticamente totalizavam a sua espiritualidade. Com frequência, algumas das evocações em que se oferecem episódios da permanência da soberana junto da comunidade coletina tratam mesmo de divulgar a ideia de ter a rainha descoberto no exemplo religioso claustral e mendicante das monjas descalças a sua principal razão de viver, o que teria levado a soberana quase a professar a Primeira Regra de S. Clara, não fosse a inultrapassável necessidade de manter a sua casa, os seus rendimentos e patrimónios precisamente para proteger e financiar as suas grandes realizações religiosas como era, afinal, a fundação, estabilização e desenvolvimento da experiência coletina da Madre de Deus.³

De qualquer modo, neste monumentos cronísticos a protecção leonorina mais geral da reforma coletina das clarissas portuguesas é apresentada como tendo o seu corolário fundamental na abertura da comunidade das descalças de Xabregas, explicitando mesmo algumas crónicas manuscritas seiscentistas que o mosteiro dedicado à Mãe de Cristo constituía a principal realização da monarca. Na verdade, estas memórias, tratando de distinguir as diferentes obras de D. Leonor, sublinhavam que

«A Rainha Dona Leonor, filhas minhas, foi santissima Senhora e boas testemunhas deixou nas grandiozas obras de serviço de nosso Senhor que ficaram neste Reino, que são a instituição da Santa Misericórdia, o Hospital das Caldas, o Convento de Santo Eloy, e este a quem cuidou amou sobre tudo o mais, pois nos deixou o precioso thizouro de seu corpo».⁴

Conquanto estas linhas apresentem um sumário em que se chega a atribuir à rainha a fundação de instituições religiosas que são anteriores à

³ Cf. Frei Jerónimo de BELÉM, *Crónica Seráfica*, III, Lisboa, 1755, 72.

⁴ Biblioteca Nacional de Lisboa (BNL) - Catarina das CHAGAS; Joana da PIEDADE e Margarida TRINDADE (atribuído a), *Notícia da fundação do Convento da Madre de Deus de Lisboa das Religiosas Descalças da Primeira Regra de Nossa Madre S. Clara* [Cod. 10998], fls.9-10.

sua protecção -- casos dos cenóbios de cónegos azuis de Lisboa ou de Xabregas -- esta adesão fúnebre da rainha àquela que representava a sua fundação religiosa mais importante oferece-se como um emblema da virtude da humildade, o valor que a monarca sempre teria procurado concretizar ao longo da sua vida social e religiosa, mas que haveria, finalmente, de encontrar e cultivar continuamente nos seus contactos com as clarissas coletinas da Madre de Deus. Por isso, uma das freiras intervenientes nestes curiosos colóquios que formam as *Notícias* seiscentistas do cenóbio coletino xabregano chega mesmo a afirmar, a propósito da campa rasa de D. Leonor, que

«A sua grande humildade me fas muita devação quando vou ao nosso claustro, e a vejo metida na terra com huma pedra em sima, como cada huma das nossas Freiras, sem mais fausto, nem pompa, e sua jemãa a Senhora Dona Izabel, Duqueza de Bargaça do mesmo modo.»⁵

Expressando um dos símbolos mais sublimes da comunhão leonorina com a forma de vida das religiosas pobres coletinas, esta situação paradigmática viria mesmo a manter-se durante o alargamento joanino do claustro da Madre de Deus, visto que

«Sempre se procurou conservar essa humildade, para que ella ficasse por hum exemplo raro, porque a não ser assy pudera elRey Dom João, o terceiro quando fes o claustro grande e a tiraram do piqueno em que estava fazerlhe hum sumptuozo sepulcro mas não quizeram, antes vindo todas as pessoas Reais, que então havia a sua trasladação e paressendolhes que os ossos se comerião estando soltos em a terra os puzeram em hum vazo de barro, depois de os alimparem em humas toalhas as Infantes Dona Izabel e Dona Maria, e entendendo eu que a não ser o intento delRey querer conservar esta humildade que não fora o vazo tão humilde como a

⁵ BNL - Catarina das CHAGAS; Joana da PIEDADE e Margarida TRINDADE (atribuído a), *Noticia da fundação do Convento da Madre de Deus de Lisboa das Religiosas Descalças da Primeira Regra de Nossa Madre S. Clara* [Cod. 10998], fl.12.

sepultura.»⁶

Não são, porém, apenas valores simples e gerais como a devoção e a humildade que permitiam ligar com intimidade a rainha D. Leonor à *forma de vida* religiosa e espiritual especializada do mosteiro coletino. Com efeito, algumas memórias cronísticas da casa reformada de Xabregas intentam mesmo apresentar a soberana como um exemplo de figura religiosa excepcional, perseguindo quase uma adesão a uma existência monástica. Assim, a monarca oferecia, juntamente com a vida das religiosas fundadoras da comunidade, um exemplo hagiográfico fundamental em que se exprimiam os principais veios que deveriam pautar a reforma coletina, nomeadamente

«assistindo com as Religiosas a todos os actos de Comunidade. Confusão grande era para as Religiosas verem huma Rainha exercitar os actos de humildade, como se fosse a mais humilde dellas; ja servindo-as no Refeitório, e ja acompanhando-as em outros ministerios tão proprios da sua virtude, como alhejos de huma Magestade excelsa. Em quanto as Freiras hião a Completas, ella lhes varria por suas mãos o Refeitório, e concertava as mesas; e quando se tocava á collação, achavão tudo composto, e bem ordenado. Em todas as festas do anno assistia com ellas no Coro, ou rezando, ou meditando; e sempre com os joelhos em terra, e os olhos no Ceo na contemplação dos Divinos Mysterios, com tal devoção, e ternura, que podia compungir os corações mais duros».⁷

A religiosidade e a espiritualidade coletinas influenciaram D. Leonor. Mas existe também um movimento recíproco, uma relação de generosa dialéctica. Nos horizontes cronológicos em que se concretiza a inauguração da comunidade da Madre de Deus, a rainha concentrava já uma longa actividade religiosa, tendo, igualmente, especializado os principais sentidos da sua oração e da sua espiritualidade pessoais. Na realidade, à roda de 1509, a vida religiosa leonorina apoiava-se já numa capela privada

⁶ BNL - Catarina das CHAGAS; Joana da PIEDADE e Margarida TRINDADE (atribuído a), *Noticia da fundação do Convento da Madre de Deus de Lisboa das Religiosas Descalças da Primeira Regra de Nossa Madre S. Clara* [Cod. 10998], fls.12-13.

⁷ Frei Jerónimo de BELÉM, *Crónica Seráfica*, III, Lisboa, 1755, 72.

extensa e organizada, cruzando as actividades culturais quotidianas com a celebração elevada e cantada das principais datas do calendário litúrgico, exibindo ainda outros espaços que, como o seu oratório pessoal do Paço de S. Elói, se encontravam generosamente comprometidos -- da imagem ao livro religiosos -- com os principais temários e direcções que suscitavam a sua contemplação e oração, vertendo-se em devoções, liturgias, mas também em exercícios espirituais importantes⁸... D. Leonor não ergueu somente os edifícios que viriam a acolher as religiosas da Madre de Deus; não fez apenas ingressar na comunidade monástica freiras e damas da sua estreita confiança quase sempre oriundas da sua própria casa; não se limitou a promover a tradução e reunião dos textos clarianos fundamentais ou a fundar a vocação santuária do mosteiro exemplar das clarissas descalças... Depois da sua morte, a rainha deixaria mesmo ao cenóbio coletino a maior parte da sua vida religiosa privada, legando-lhe os livros e as tábuas do seu oratório particular, muitas das suas alfaias religiosas e alguns objectos devotos do seu uso pessoal...⁹ Durante a sua vida, entre 1509 e 1525, foram também constantes as doações e esmolas religiosas que, através de livros e pinturas, alfaias, téxteis e imagens a soberana fez entrar na estreita clausura coletina...¹⁰ Com muitas destas peças, entrava também na Madre de Deus a espiritualidade que D. Leonor e os seus círculos religiosos foram cultivando e aprofundando na história da espiritualidade do Portugal do Renascimento: uma espiritualidade moderna, largamente franciscana e clariana, orbitando em torno de um conhecimento elevado e áulico da Paixão, mas concentrando-se no seu carácter dramático e pobre, nas suas dimensões imagéticas e teatrais, exacerbando a importância contemplativa dos mistérios da Natividade e da Redenção... Este programa espiritual, constituindo um património constante dos interesses e investimentos da rainha, não se encontra sumariado em nenhum documento ou texto escrito, da mesma forma que não se conhecem tratados ou obras que apresentem os seus exercícios fundamentais, explicitando fulanizadamente ascetes, orações e itinerários místicos. Não se consegue hoje encontrar sequer, mesmo nos

⁸ SOUSA, *ob.cit.*, I e Ivo Carneiro de SOUSA, *Introdução ao estudo do Património, da Casa e da Corte de D. Leonor*, in *Espiritualidade e Corte em Portugal, sécs. XVI-XVIII*, Porto, 1993, 23-52.

⁹ BNL, *Relações dos bens legados pela rainha D. Leonor e outros inventários do Mosteiro da Madre de Deus de Xabregas* [Cod. 11352], fls.1-5v.

¹⁰ BNL, *Relações dos bens legados pela rainha D. Leonor e outros inventários do Mosteiro da Madre de Deus de Xabregas* [Cod. 11352], fls.8-9v.

mais de duzentos livros que D. Leonor reunira no seu oratório privado antes de falecer¹¹, um qualquer volume decisivo que oferecesse de forma indiscutível à comunidade das clarissas descalças da Madre de Deus a *praxis* espiritual que a soberana gostaria de ver desenvolver-se individual e colectivamente na casa monástica coletina... Existe, porém, entre as muitas doações e instruções que os esforços e os mecenatos leonorinos dirigiram para o mosteiro da Madre de Deus, uma peça sublime que poderia funcionar, através da qualidade da sua iconografia, como um verdadeiro tratado e sumário explícitos da espiritualidade cultivada por D. Leonor. Trata-se, significativamente, de uma das poucas tábuas que a rainha, depois de a ter acolhido no seu oratório privado, resolveria doar ainda em vida à casa das clarissas pobres para ser colocado em posição central no coro elevado da comunidade.¹² Referimo-nos a um quadro, sublime e enorme, conhecido normalmente por *Panorama de Jerusalém...*, oferecendo, duplamente, a história dramática dos derradeiros ciclos da Paixão e o mais belo retrato histórico de D. Leonor...

A admiração que as religiosas da Madre de Deus alimentavam pela tábua em que se oferecia a rainha em oração, de joelhos, perante a cidade de Jerusalém e os principais passos da prisão, crucifixação e morte de Cristo recupera-se em vários textos, como ocorre exemplarmente também com as crónicas seiscentistas que, no seu inconfundível género coloquial, fixaram este diálogo interessante, assinalando que

«(Alexandra) Muitas são as pessoas Reais que tem dado pessas notaveis a esta caza. Tambem o corpo de Santa Auta virgem e martir, do numero das onze mil virgens mandou o Emperador Maximiliano primeiro á Rainha Dona Leonor juntamente com o retabullo de Hierusalem, pessa tão particular, que não sabemos aja outra que se lhe iguale.

(Leonarda) Affirmo a Vossas Reverencias que me acontece algumas vezes gastar muitas oras em o ver pasmada das coriozidades que tem.

(Metildes) Sabeis o que mais me espanta, estar a imagem de nossa Senhora em tantas partes pintada, quantos são os passos de sua paixão desde a Cea athe a sepultura e ter

¹¹ Arquivos Nacionais/Torre do Tombo (ANTT), *Chancelaria de D. João III*, Livro 44, fl.68.

¹² ANTT, *Mosteiro da Madre de Deus de Lisboa (Xabregas)*, Papéis vários, cx.2, fl.123.

sempre hum mesmo rosto, tirando estar mais desfigurada em humas partes que em outras, e nosso Senhor do mesmo modo.

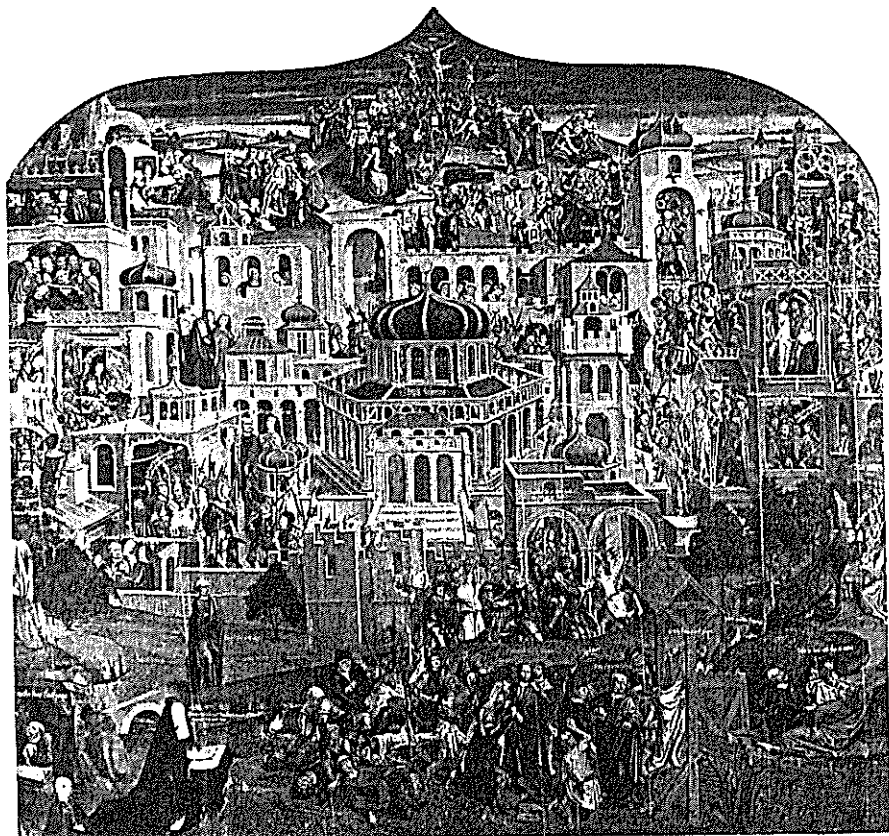
(Leonarda) E que espantozo he o rosto da Senhora, e que devotissimo, e o que dizeis de os rostros estarem proprios, o mesmo he em todas as figuras de São Pedro e de São João, e dos Judeus e soldados, sendo tanta a multidão os mesmos rostros e trajes que tem hûas partes tem nas outras. todos os pintores que cá tem entrado, e o tem visto pasmam...¹³

No entanto, não é apenas esta impressionante qualidade estética e plástica do quadro que aqui nos interessa estudar, nem tão pouco o facto fundamental de se tratar de uma das peças em que se oferece um exemplo histórico -- o mais impressivo e real -- da iconografia de D. Leonor.¹⁴ A tábuia conhecida por *Panorama de Jerusalém* importa para as discussões deste estudo porque oferece um testemunho importante das direcções e temas privilegiados da espiritualidade leonorina e da sua influência reitora em aspectos e manifestações relevantes da religiosidade e da espiritualidade da casa coletina.

As principais estruturas iconográficas deste magnífico quadro parece captarem-se com relativa facilidade: trata-se principalmente de cruzar uma representação idealizada de Jerusalém com os derradeiros Passos da Paixão de Cristo que se encontram comprometidos com a própria cidade santa, ilustrando num único discurso iconográfico os ciclos narrativos que se estendiam da prisão à morte de Jesus. Expressa-se a representação da sacra urbe através de um conjunto de edificios tópicos que, misturando o gótico tardio com algumas soluções já marcadamente pré-renascentistas, se centra numa figuração ficcionada do templo de Salomão, a partir do qual se exorbita um «urbanismo» em cascata que irá conduzir e desaguar no Calvário que encima e dirige toda a mensagem espiritual iconográfica. Os erros de perspectiva são, no entanto, frequentes, quer nas interrelações entre edificios e estruturas, quer ainda destes com as diferentes figuras humanas

¹³ BNL - Catarina das CHAGAS; Joana da PIEDADE e Margarida TRINDADE (atribuído a), *Notícia da fundação do Convento da Madre de Deus de Lisboa das Religiosas Descalças da Primeira Regra de Nossa Madre S. Clara* [Cod. 10998], fls.40-42.

¹⁴ O estudo pormenorizado deste quadro no conjunto da iconografia histórica de D. Leonor oferece-se em Ivo Carneiro de SOUSA, *A Rainha da Misericórdia na história da espiritualidade em Portugal na Época do Renascimento*, Porto, FLUP, 1992, III, 163-170.



PANORAMA DE JERUSALÉM

(Autor desconhecido da escola flamenga, [1509-1517], Mosteiro da Madre de Deus de Xabregas, madeira de carvalho, 2000x2000mm)

em que se exagerou nitidamente a sua dimensão, descurando-se a sua correcta perspectivação, o que permitia, contudo, valorizar a sua identificação e acompanhamento. Em termos genéricos, algumas destas disfunções relevam talvez da organização marcadamente singular e simétrica da composição, planificada praticamente a partir desse centro geométrico que é o Templo e desenvolvendo em seu redor duas órbitas de edifícios, conquanto apenas uma apresente com nitidez uma circulação passional humana, facilmente reproduzível nos espaços claustrais monásticos. Estes vectores, que, comprometidos com a organização espacial, se julga concorrerem para facilitar a leitura memorial da composição, aprofundam-se ainda mais vincadamente com a propositada geração de um sentido vertical geral que une o plano de integração do espectador -- em que se situa, duplamente, a representação leonorina e a cena emblemática do beijo de Judas -- ao Calvário que conclui em termos normativos a lição iconográfica. Esta dimensão vectorial vertical, valorizando a crucifixação e morte de Cristo, afigura-se ter sido mesmo claramente compreendida e, até, adensada por D. Leonor e seus colaboradores ao conseguirem evitar as dificuldades de leitura suscitadas pela exagerada simetria plana de uma tábua quadrangular de grandes dimensões (2mx2m) através da construção de uma moldura que transformou o plano superior da composição num arco, permitindo altear ainda mais poderosamente a representação normativa e exemplar do Calvário -- de um curioso Calvário largamente povoado e humanizado, nomeadamente devido à presença e integração de outras várias cenas e ciclos da Paixão que lhe haveriam de suceder, renunciando a Ressurreição... Retenha-se que esta apresentação do Calvário com a ajuda de uma espécie de arco triunfal constitui uma solução estética quase constante nos investimentos artísticos leonorinos -- como ocorre também com o célebre tríptico da Paixão da igreja de Nossa Senhora do Pópulo que D. Leonor fundou nas Caldas da Rainha --, ressaltando imediatamente da especificidade da espiritualidade da Paixão tão cultivada como propagada pelos mecenatos e actividades religiosos da monarca, associando -- e contrastando -- quase sempre o gosto por ambientes áulicos com o carácter violento e duro de uma Crucifixação em que se oferece à meditação especializada um Cristo pobre e despojado...

Encontramo-nos, assim, face a um quadro intensamente dirigido e vinculado à memória e à oração. Uma composição ligada a essa verdadeira

«arte» de casar a memória com a oração que permitia geralmente aprofundar a oração mental, uma forma especializada e espiritualizada de oração que tantos pontos de contacto procurou sempre manter com a mística. A organização e planificação estruturais do *Panorama de Jerusalém* facilitam com inusitada competência a apresentação de uma verdadeira «geometria» da Paixão que se pode ainda rapidamente recordar e conceptualizar graças também a esse minucioso conjunto de legendas que povoa a composição, assinalando os lugares e os tempos da Paixão, marcando os tempos e os lugares da cidade santa da paixão, mas também reservando tempos e lugares na memória daqueles que rezavam e meditavam com o apoio destas imagens... O quadro parece mesmo remeter com conhecimento para essa arte da memória que não deixava de ser também a oração mental, imprimindo na mente as imagens e os lugares que eram também indispensáveis para recordar as «palavras» e as «coisas» que, nesta época, pensava-se informarem e totalizarem a memória...¹⁵

Atente-se, em seguida, na forma propositadamente escolhida para representar e pintar D. Leonor nesta composição... Não se trata somente de denunciar uma posse ou uma encomenda, a figuração da monarca é ela própria a prova mais evidente do uso privado e da funcionalidade oracional desta composição da memória dos lugares santos, da memória da Paixão de Cristo, através das suas imagens, dos seus quadros e das suas legendas. Vestida com um hábito de terceira franciscana, ajoelhada num genuflexório coberto por uma pano negro, acompanhada por uma presença feminina, D. Leonor medita a partir de um livro aberto, remetendo, de certo, para a sua prática e conhecimento da oração e meditação a partir da leitura de obras especializadas, nomeadamente dos livros litúrgicos.

Antes dos restauros da tábua propositadamente realizados para as exposições comemorativas do Quinto Centenário do Nascimento da Rainha, pensava-se que D. Leonor havia sido pintada em sobreposição na composição primitiva. Contudo, sabe-se desde então, com rigor, que o *Panorama* foi enviado à rainha inacabado, reservando em branco o espaço em que se haveria precisamente de inserir a representação leonorina¹⁶ que comparece assim, na sua iconografia pessoal, como a sua representação e

¹⁵ Cf., a este propósito, o estudo indispensável de Frances A. YATES, *El arte de la memoria*, Madrid, 1974.

¹⁶ Fernando PAMPLONA, *Retratos da Rainha D. Leonor*, in *V Centenário do Nascimento da Rainha D. Leonor e IV Congresso das Misericórdias*, Lisboa, 1958, 30-31.

retrato históricos mais reais... Importa, porém, relevar que se procura significativamente coligar a esta representação da rainha uma ideia geral de elevada religiosidade e, mesmo, de preparação da espiritualidade: a monarca aparece de joelhos, em oração, preferindo-se nitidamente vincular também D. Leonor a essas obras especializadas da oração – da oração privada, mas socialmente elitária – que eram os breviários e os livros de horas iluminados... Principalmente nesta composição, talvez se tenha procurado cunhar uma representação da soberana que se acredita ter sido largamente normativa, caracterizando-se sempre pela sobrevalorização da oração e da espiritualidade pessoais... No entanto, neste *Panorama*, ao contrário de outras peças iconográficas em que comparece a rainha¹⁷, não apenas se certifica e concretiza esse ideário iconográfico normativo pessoal, como ainda estamos colocados perante um contexto mais sublime que, para além de tematicamente mais impressivo, procura informar um verdadeiro *corpus* de imagens dirigido para a potenciação da oração e, em particular, para o desenvolvimento da oração mental individual. Neste universo em que, num único plano, se consegue representar com competência os derradeiros ciclos da Paixão, podemos até imaginar – com alguma licitude e proximidade – diferentes sugestões e funcionalidades que poderiam ser perseguidas e aprofundadas pela contemplação leonorina: a composição poderia nomeadamente servir para que a rainha concretizasse essa sua constante devoção à cidade santa – concretizada na sua protecção e financiamento de várias peregrinações de religiosos da sua casa e dos seus círculos a Jerusalém –, realizando assim com o apoio das imagens uma espécie de *peregrinatio* ilustrada e mental à sacra urbe; poderia também a composição ajudar a monarca nas suas continuadas meditações em torno da Paixão e, em particular, sobre os temários da crucificação e morte de Jesus; poderia igualmente a tábua funcionar, em termos ainda mais precisos, para apoiar as orações do ciclo quaresmal e pascal, sugerindo, por exemplo, uma verdadeira *via crucis* capaz mesmo de veicular pela imagem as «estações» indispensáveis para suportar e aprofundar exercícios espirituais especializados... Esta última hipótese parece mesmo ter sido aquela que haveria de colher as preferências das religiosas coletivas da Madre de Deus, logo que o quadro se transferiu do oratório privado da rainha para o coro elevado da igreja conventual, concluído certamente antes de 1520...¹⁸

¹⁷ SOUSA, *ob.cit.*, 151-183.

¹⁸ ANTT, *Mosteiro da Madre de Deus de Lisboa (Xabregas)*, M.2, fl.62.

Com efeito, parece concorrer para comprovar esta última funcionalidade devocional e espiritual do retábulo de Jerusalém o facto de ele constituir precisamente a primeira «estação» do itinerário dos Passos da Paixão que a comunidade coletina procurava percorrer constantemente, como se testemunha nas descrições dos exercícios claustrais realizadas por várias religiosas durante a Quaresma. Assim, as crónicas seiscentistas recordam que soror Antónia da Trindade, essa freira exemplar que saíra da casa de D. Leonor para ajudar a introduzir a reforma coletina na Ordem de S. Clara em Portugal, costumava durante as suas devoções quaresmais seguir o percurso conventual que haveria de consagrar um itinerário habitual e normativo dos Passos, o qual

«se comessou em o coro ao pe do Retabulo de jerusalem aonde esta pintada a caza de Pilatos, e o senhor saindo delle com a crus, o segundo em o capitullo aonde o vedes assy de vulto, como em Retabollo reprezentando o encontro com a virgem senhora nossa, o terseiro em as varandas em o nicho que tem o painel de Simao Sireneo, ajudando a levar a crus de Christo nosso Redemptor, o quarto, e quinto no claustro em os dous nichos das filhas de Jerusalem, e da veronica, o seisto no choro em o Altar de Jesus crucificado, estes passos corre a comonidade todas as sextas feiras da Coresma, mas não juntas por cauza das occupaçoins cada huma cumpre com sua devossão quando pode...»¹⁹

Não nos devemos esquecer, todavia, que a tábua leonorina começou por entrar no oratório privado da rainha do seu paço de S. Elói e, só mais tarde, depois dessa residência fulanizada, terá sido definitivamente oferecida à comunidade coletina de Xabregas, fixando-se no seu coro, acompanhando e apoiando os ofícios e cantos litúrgicos das religiosas. Parece, assim, poder sugerir-se que, complementarmente à influência que a espiritualidade claustral da Madre de Deus não deixaria de oferecer à soberana, existe um movimento complementar pelo qual D. Leonor trata de infundir sugestões e itinerários fundamentais da sua própria experiência e meditação espirituais na *praxis* religiosa do cenóbio que havia fundado em Xabregas. Deste modo,

¹⁹ BNL - CHAGAS, Catarina das; PIEDADE, Joana da e TRINDADE, Margarida da (atribuído a) - *Notícia da Fundação do Convento da Madre de Deus de Lisboa das Religiosas Descalças da Primeira Regra de S. Clara* [Cod. 10998], fls.401-402.

emblemizando toda a sua própria representação, mas também contribuindo para fixar algumas das funções espirituais fundamentais da composição iconográfica, D. Leonor resolveu acrescentar, em posição reitora, junto à sua figuração, uma legenda que significativamente reza: *Memento Domine ancillae tuae servae servorum tuorum ab redemptionem tuam...* A inscrição parece vincular nitidamente toda uma comunidade -- a soberana e as religiosas do seu oratório privado, bem como, depois, as freiras coletinas da Madre de Deus -- já não somente ao mecenato, mas ao próprio exemplo da rainha, prostrada em oração perante os mistérios da Paixão de Cristo...

Acreditamos, porém, que existem outras pistas passíveis de ajudar a esclarecer as sugestões espirituais que D. Leonor foi dirigindo para o seu mosteiro da Madre de Deus, ao mesmo tempo que, exprimindo uma especialização religiosa complementar, ajudava a casa coletina a transformar-se num dos mais importantes santuários portugueses do Renascimento. Para além dos textos, dos livros, das imagens e das realizações iconográficas, para além mesmo das alfaias ou das próprias religiosas, a soberana parece ter procurado introduzir na vida claustral das clarissas reformadas algumas das direcções privilegiadas pela sua espiritualidade e sensibilidade religiosa pessoais, adregando assim à singularização contemplativa e observante coletina alguns outros investimentos que, pautados pela elevação áulica e dramática, se afigura terem contribuído para adensar uma parte importante da especialização espiritual individual e geral da comunidade monástica xabregana. Na verdade, é possível que, a um outro nível devocional e espiritual mais concreto, a profunda devoção pessoal que a monarca sempre dirigiu para a Natividade tenha igualmente oferecido sugestões espirituais e contemplativas específicas na comunidade coletina, sobrepujando e ampliando mesmo esse entendimento que fomos inventariando na espiritualidade clariana, interpretando quase exclusivamente o nascimento de Cristo através da radicalidade da pobreza do presépio, desenvolvendo um temário nitidamente franciscano. É mesmo credível que a rainha tenha infundido, duplamente, uma dimensão teatral e áulica no entendimento da espiritualidade da Natividade perseguido pelas comunidades coletinas portuguesas, quer através directamente da promoção de realizações teatrais, quer continuamente através das suas principais doações iconográficas retabulares, o que não deixa de ajudar a compreender, afinal, porque é que os colóquios seiscentistas em que se divulga a história colectiva e individual

das religiosas da Madre de Deus se organizam inteiramente em torno de temários e contextos natalícios, realçando mesmo tratar-se de uma tradição original da comunicação claustral, especialmente vocacionada para meditar os diferentes episódios em que se desdobravam os mistérios do nascimento do Salvador...²⁰ No entanto, antes de explorarmos mais pormenorizadamente estes vectores, largamente comprometidos com as direcções estruturantes da religiosidade e da espiritualidade leonorinas, importa assinalar que, em termos gerais, estas especializações contemplativas das comunidades de clarissas no desenvolvimento da espiritualidade dos mistérios da Paixão e da Natividade começaria a entrelaçar-se estreitamente com o aprofundamento do desenvolvimento do teatro religioso no interior das próprias casas claustrais, definindo mesmo formas específicas de apropriação do teatro religioso.

No caso da literatura dramática castelhana, por exemplo, este movimento de dramatização da Natividade ao serviço da contemplação especializada das clarissas parece mesmo poder ter sido uma dinâmica potenciada ainda ao longo do século XV. Assim, sabe-se nomeadamente que o célebre Gomez Manrique comporia a pedido de sua irmã, D. Maria Manrique, vigária do Mosteiro de S. Clara de Calabagamos, uma representação importante sobre o *Nascimento de Nosso Senhor*, tendo este cenóbio conservado também uma outra peça, um *Auto da Fuga do Egipto*,

²⁰ No prólogo à primeira parte das *Noticias* sciscentistas, soror Joana da Piedade escreveu, significativamente, o seguinte: «Sempre despois que estou nesta caza, tenho ouvido queixas, as que tivemos nella de não aver alguma memorea de sua fundação, e das Religiozas santas, que daqui foram para o Ceo porque ainda que no Archivo aja alguns papeis que de tudo dão noticia não he em forma que os possamos ler quando queremos e do que toca as Relligiozas he muito pouco, em comparação do que sabião as Madres velhas, que tenho conhecido, e ja estas me diziam que não era nada, o que me contavão para o muito que lhe esquecia, do que tinhão ouvido a outras mais antigas, que conhesceram; de modo que se ouvera feito cazo de tudo que se pudera cscrever se fizera hum muy grande livro e de muita edificação e quando não fora pera o verem todos fora de grande proveito para nos mesmas. A magoa de ver ir esquecendo de todo, o que dezejo ver tão vivo em nosso pensamento me fas emprender o para que presto menos, que para nada prestando tão pouquo para tudo, que he dar alguma luz do muito que o silencio tem em trevas: e como não tenho saber nem sufficiencia para escrever Livro na forma que de ordinario se uza valhome do costume que nesta caza ha de se ajuntar a Comonidade em os dias de Natal em boa conversasam para todas juntas festejarmos o nasimento do Senhor, e em estas praticas tenho eu ouvido o que aqui direy, e assim que não faço mais que escrever junto o que Vossas Reverencias tem ditto por diversas vezes pera as que vierem depois de nos achem algum rastro do que ja ha tam pouco em comparação do que pudera ser...» (BNL - Catarina das CHAGAS; Joana da PIEDADE e Margarida TRINDADE (atribuído a), *Noticia da fundação do Convento da Madre de Deus de Lisboa das Religiosas Descalças da Primeira Regra de Nossa Madre S. Clara* [Cod. 10998], fls. 1-3).

acerca da qual ainda hoje se discute a autoria e a cronologia, podendo mesmo tratar-se de outro drama manriqueano ou, inclusive, de Frei Ambrosino de Morales, concluído entre 1446 e 1512.²¹ De qualquer modo, julga-se possível apontar estas fronteiras cronológicas como representando um período marcado pelo desenvolvimento geral das representações dramáticas no interior das comunidades de clarissas ibéricas, existindo alguns outros exemplos de casas que, em diversos espaços espanhóis, representaram e preservaram documentadamente peças religiosas várias, conquanto largamente centradas na celebração dramática dos mistérios da Natividade...²²

É possível que o desenvolvimento da dramatização dos grandes mistérios da Paixão e, em particular, dos episódios do ciclo do Natal tenha igualmente sido introduzido nos mosteiros coletinos portugueses, a partir das sugestões de D. Leonor e da sua protecção e encomenda de trabalhos vicentinos.

Comece mesmo por se recordar que *O Auto Pastoril Castelhana*, desse «primeiro» Gil Vicente tão intimamente ligado à soberana e aos seus círculos religiosos, poderá oferecer um primeiro exemplo de aproximação a temários e motivos sugeridos pela espiritualidade leonorina que se viria a projectar na vida religiosa coletina. De facto, a peça radica, como é sabido, numa encomenda de D. Leonor, realizada logo depois da representação do *Auto da Visitação*, pretendendo a soberana que Gil Vicente representasse, nas matinas do Natal, uma obra *endereçada ao nascimento do Redentor*...²³ No cerne da representação dramática, que o autor preferiu intitular *Auto Pastoril Castelhana* -- limitando, assim, a amplitude do temário encomendado ao episódio da *Adoração dos Pastores* --, encontra-se principalmente o motivo do presépio, oferecido com autonomia estética enquanto tal, o que constitui um dos principais travejamentos da espiritualidade clariana -- a partir das sugestões e práticas especializadas por S. Francisco --, largamente restaurado e aprofundado pela reforma coletina.²⁴ Mais significativo, porém, julga-se ser o facto do texto vicentino

²¹ Ignacio OMAECHEVARRÍA, *Las Clarissas a través de los siglos*, Madrid, s/d., 129.

²² Ignacio OMAECHEVARRÍA, *Las Clarissas a través de los siglos*, Madrid, s/d., 130.

²³ Gil VICENTE, *Copilaçam de todas as Obras de Gil Vicente*, ed. de Maria Leonor Carvalhão Buescu, I, Lisboa, 1983, 22-23.

²⁴ Por isso, encontramos também o presépio como um dos investimentos artísticos mais sublimes das comunidades clarissas de Jesus de Setúbal e da Madre de Deus de Xabregas, aqui largamente fundando discursos icono-plásticos relevantes, talvez edificando os primeiros presépios figurados do

tratar de oferecer, na parte central da sua representação, dedicada à concretização da Adoração, uma preferência pela descrição pobre de Cristo no presépio, vertendo-se neste interessante diálogo dramático:

«Lucas - Qué casa tan pobrezita
escogió para fñascer!

Brás - Ya comiença a padeçer
dende su ninñez bendita

Silvestre - De paja es su camazita.

Lucas - Y establo su posada.

Brás - Loada sea y adorada
y bendita

la sua clemencia infinita.

Gil - Señora, con estes hielos

el niño se está temblando:

de frío veo llorando

el criador de los cielos

por falta de pañizuelos.

Juri a san! si tal pensara,

o por dicha tal supiera,

un çamarro le truxera

de una vara,

que ahotas que él callara.

Ora vosotros qué hazéis?

Con muy chapada hemencia

y con vuestra revelencia,

dalde de esso que traéis.

Silvestre - Perdonad, señor, por Dios,

que, como somos bestiales,

los presentes

no son tales

mundo religioso claustral português (ANTT, *Mosteiro da Madre de Deus de Lisboa (Xabregas)*, Papéis vários, cx.3, fls.99v.-101). Frei Bernardo da Cruz, por exemplo, na sua *Crónica Del-Rei D. Sebastião*, referindo-se a um incêndio no mosteiro da Madre de Deus, em 1576, discrimina várias figuras -- S. José, o Menino, a Virgem Maria -- que faziam precisamente parte do presépio da casa coletina (Frei Bernardo da CRUZ, *Crónica Del-Rei D. Sebastião*, Lisboa, 1903, I, 146-147).

como los meréceis vos.»²⁵

Existem, possivelmente, outros pontos de contacto mais complexos e a apelar a uma investigação especializada mais aprofundada que poderiam contribuir para ligar o texto vicentino em torno da representação da *Adoração dos Pastores* a alguns dos motivos e temas litúrgico-espirituais desenvolvidos pelas comunidades de clarissas reformadas. Tal poderia ser, a título de exemplo, o recurso dramático-litúrgico que o *Auto* de mestre Gil utiliza em torno do hino do *tota pulchra amica mea* que, entre outras várias funções comemorativas, era precisamente um dos principais cânticos que as noviças coletinas tinham obrigatoriamente de aprender, cantando-o, depois, nas comemorações das matinas de Natal...²⁶ No entanto, a peça vicentina parece datar, com segurança, de vinte e quatro de Dezembro de 1502, pelo que as suas ligações e dependências no domínio do litúrgico e da espiritualidade devem, preferencialmente, remeter para o contexto da encomenda leonorina, até porque esta haveria de se prolongar, no princípio do ano seguinte, concretamente em seis de Janeiro de 1503, quando Gil Vicente representa para D. Leonor o *Auto dos Reis Magos*, aproximando-se, assim, mais nitidamente do projecto original da soberana, centrado na comemoração geral do nascimento do Redentor.²⁷ É particularmente importante que à representação anterior exornando o tema da pobreza de Jesus no presépio se lhe siga uma peça que, aprofundando a contemplação universal do mistério da Natividade, termina significativamente num ambiente de gosto áulico, recordando a profecia do salmo setenta e um, talvez mesmo a partir das sugestões iconográficas de uma das iluminuras de página inteira mais sumptuosas do *Breviário Franciscano* do uso de D. Leonor:²⁸

²⁵ Gil VICENTE, *Copilaçam de todas as Obras de Gil Vicente*, 32-33.

²⁶ ANTT, *Mosteiro da Madre de Deus de Lisboa (Xabregas)*, M.2, fl.3v.

²⁷ Recorde-se que no final do *Auto de ãa Visitação* Gil Vicente escreveu que «por ser cousa nova em Portugal, gostou tanto a Rainha velha desta representação, que pediu ao autor que isto mesmo lhe representasse às matinas do Natal, endereçado ao nascimento do Redentor. E porque a substância era mui desviada, em lugar disto se fez a seguinte obra (o *Auto Pastoril Castelhana*)» (Gil VICENTE, *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente*, 22-23)... Palavras que parece, de facto, indiciarem um projecto de representações de temário mais amplo que o dramaturgo haveria de prolongar com a apresentação do *Auto dos Reis Magos*.

²⁸ Pierpont Morgan Library (PML) - Ms.52, fl.61v. A iluminura encontra-se estampada e estudada em SOUSA, *ob.cit.*, III, 301-303.

«David n'el psalmo setenta
y uno cuenta
Reys de Tarsis y Sabá,
y el de Arabia verná
con humildá,
muy gran compañía sin cuenta,
adorar sin más afrenta
muy contenta.»²⁹

Não é, porém, este artigo o contexto mais adequado para estudar com profundidade as estreitas ligações e influências que Gil Vicente procurou encontrar na religiosidade e na espiritualidade exemplares que D. Leonor tratava de potenciar nos seus círculos mais íntimos, até porque se trata de uma investigação que obriga necessariamente a uma reavaliação geral das obras de devoção vicentinas, tratando de as cotejar com vários textos e obras -- dos *Breviários* à literatura mística -- que devem ter colhido na produção e representação das suas primeiras obras dramáticas. É mesmo possível que uma investigação deste teor obrigue, no futuro, a coligar igualmente os primeiros andamentos do teatro vicentino com esse mundo ainda pouco conhecido da iluminura e das imagens religiosas, esse mundo geral da iconografia religiosa que constituía tantas vezes uma fonte abundante de inspiração da arte dramática...³⁰

Seja como for, à volta de 1509-1513, D. Leonor viria mesmo a oferecer documentadamente ao seu mosteiro coletino de Xabregas, por intermédio do génio dramático de Gil Vicente, o *Auto da Sibila Cassandra*.³¹ Representado na igreja da Madre de Deus, nota-se no trabalho vicentino um esforço impressivo que não deixava de se dirigir ao meio religioso monástico que, de certo, procurava acompanhar e, talvez, a partir do coro, participar na representação, porventura ainda num momento praticamente fundacional da comunidade coletina. Mais uma vez, são as matinas do Natal o contexto eleito por D. Leonor para enquadrar o texto dramático vicentino, esclarecendo-se no prólogo da peça que se tratava

²⁹ Gil VICENTE, *Copilaçam de todas as Obras de Gil Vicente*, 46.

³⁰ A este propósito veja-se a obra ainda fundamental de Émile MÂLE, *L'Art Religieux de la fin du Moyen Age en France*, Paris, 1949, 35-84.

³¹ Acerca da cronologia desta obra vicentina compulse-se as propostas adiantadas por Anselmo Braamcamp FREIRE, *Gil Vicente Trovador e Mestre da Balança*, Lisboa, 1944, 72-73, 155 e 601.

«nela da presunção da Sibila Cassandra, que, como per espírito profético soubesse o mistério da encarnação, presumiu que ela era a virgem de quem o Senhor havia de nascer. E com esta opinião nunca quis casar.»³²

Não é preciso percorrer longa e exaustivamente os diálogos da representação teatral para se perceber que existe um trabalho religioso especializado considerável no sentido de procurar adequar os conteúdos do *Auto* ao auditório coletino xabregano, formado principalmente, como se sublinhou, por freiras que combinavam uma extracção social elevada com uma educação religiosa exemplar. Assim, os temas da castidade, da clausura e, desde logo, da superioridade da vida professa sobre o matrimónio insinuam-se nos primeiros andamentos da dramatização, perguntando -- e esclarecendo -- mesmo Cassandra:

«Cuál es la dama polida,
que su vida
juega, pues pierde casando,
su libertad cautivando,
otorgando
que sea siempre vencida,
desterrada en mano agena,
siempre en pena,
abatida y sujuzgada?
Y piensan que ser casada
que es alguna buena estrena!»³³

A densidade dos argumentos que se vão esgrimindo em torno do tema do matrimónio ocupa grande parte dos investimentos dramáticos do auto vicentino e, mesmo quando, depois da intervenção elevada de Moisés, o casamento é apresentado como o «primeiro» sacramento, ainda assim a sibila Cassandra continua, insistentemente, a recusar casar-se.³⁴ Pensava, de facto, que deveria conservar a sua virgindade, visto que dela haveria de nascer o Redentor. A sua ambição desmedida e incompreensível acaba,

³² Gil VICENTE, *Copilaçam de todas as Obras de Gil Vicente*, 47

³³ Gil VICENTE, *Copilaçam de todas as Obras de Gil Vicente*, 48.

³⁴ Gil VICENTE, *Copilaçam de todas as Obras de Gil Vicente*, 59.

porém, por ser acusada e, depois de longas passagens em que, de forma sublime, se exorna a figura divina da *Madre de Deus*, abrem-se as cortinas da encenação e oferece-se, finalmente, o presépio.³⁵ Os anjos e todas as figuras da peça -- de Abraão a Moisés, de Salomão a Cassandra ... -- passam imediatamente a cantar o mistério da Natividade, encerrando-se mesmo a representação com um conjunto elevado de versos dedicados a Maria.³⁶ O que se afigura mais relevante na arquitectura devocional deste auto vicentino julga-se ser precisamente a introdução do tema da nupcialidade de Cristo, tão relevante nas experiências monásticas femininas, mas, como se sabe, temário particularmente pertinente na organização contemplativa original da Ordem nascida em S. Damião de Assis. Assim, tratando de aprofundar os sentidos deste tema, os quais se encontravam largamente abertos à potenciação dos exercícios espirituais, o que a peça de mestre Gil -- ou a encomenda de D. Leonor? -- parece querer oferecer à comunidade coletina é a ideia de que a verdadeira castidade/nupcialidade reside na imitação oracional e espiritual das dores e dos prazeres³⁷ da Virgem, o único itinerário capaz de conduzir à comunhão com o Redentor... Não será mesmo o derradeiro vilancete do *Auto* um apelo alegórico a esses soldados espirituais que eram as religiosas coletinas, combatendo pela oração e pela contemplação, especializando uma vida elevada de intercessão orante e espiritual, capaz de ser exornada e cantada pela comunidade de clarissas descalças?

«A la guerra,
cavalleros esforçados:
pues los ángeles sagrados
a socorro son en tierra.
A la guerra

Con armas resplandecientes
vienen del cielo bolando,
Dios y hombre apellidando

³⁵ Gil VICENTE, *Copilaçam de todas as Obras de Gil Vicente*, 66.

³⁶ Gil VICENTE, *Copilaçam de todas as Obras de Gil Vicente*, 66-71.

³⁷ O tema das sete Dores e das sete Alegrias da Virgem indiciado por Cassandra (Gil VICENTE, *Copilaçam de todas as Obras de Gil Vicente*, 69) constitui uma das devoções mais importantes de D. Leonor que se encontra estudada em SOUSA, *ob.cit.*, I, IV parte.

en socorro de las gentes.

A la guerra,

cavalleros esmerados;
pues los ángeles sagrados
a socorro son en tierra.
A la guerra!»³⁸

As peças vicentinas ligadas a D. Leonor, incluindo esta última representação, necessitam urgentemente de uma investigação mais aturada e demorada, talvez mesmo da sua *tese*... De facto, não basta procurar analisar os conteúdos centrais destes textos vicentinos para esclarecer a sua génese e funcionalidade, sendo imprescindível conhecer e estudar mais demoradamente as relações destes trabalhos com outros materiais dramáticos que exornam temários e mistérios religiosos semelhantes. Pensamos, por exemplo, que se deve procurar comparar e reestudar estes *Autos* devocionais do mestre português ao lado da referida *Representación* de Gomez Manrique ou dos elementos dramáticos da *Vita Christi*, de Frei Iñigo de Mendoza, como também das églogas religiosas de Juan del Encina..., textos informando uma constelação dramática que se afigura reproduzir um caminho que poderia incluir vários outros monumentos, como o *Belém*, de Greccio, as meditações boaventurianas da infância de Jesus e, naturalmente, as *Meditações da Vida de Cristo*, do pseudo-Boaventura, fonte inesgotável de temas, imagens, figuras, mistérios....³⁹

De qualquer forma, a dramatização em torno dos episódios da Natividade parece ter-se transformado num dos mais sublimes períodos de reunião e meditação espiritual das comunidades coletinas portuguesas. Mais do que as sugestões trágicas e passionais do ciclos quaresmais e pascais, largamente debruçados sobre a oração e penitência pessoais, parece, de facto, terem sido os quadros do nascimento de Cristo que haveriam de forjar continuamente uma perene tradição de comemorações dramáticas, partindo das sugestões plásticas e teatrais do presépio para se aprofundar, depois, em torno das cenas que prolongavam e elevavam os significados

³⁸ GIL VICENTE, *Copilaçam de totalas Obras de Gil Vicente*, (ed. de Maria Leonor Carvalho Buescu), I, Lisboa, 1983, 70-71.

³⁹ Ignacio OMAECHEVARRÍA, *Las Clarissas a traves de los siglos*, Madrid, s/d., 130.

emblemáticos e sagrados da Natividade. Trata-se de um conjunto de dimensões que se capta com relativa facilidade principalmente nas crónicas seiscentistas da Madre de Deus, nas quais o Natal comparece mesmo como o momento devocional e espiritual mais importante da vida religiosa coletina claustral, mas também da espiritualidade que deveria informar o património contemplativo de cada monja.

As notícias memoriais da casa da Madre de Deus sublinham com frequência que estas conversações centradas nos mistérios da Natividade constituíam precisamente o único momento em que, anualmente, a totalidade da comunidade coletina se reunia em colóquio devoto e espiritual, procurando relevar que as suas reflexões ressaltavam da contemplação do presépio, tema que se procura firmar na espiritualidade do próprio *Pobre de Assis*, perguntando-se a propósito:

(Vigaira) Quem sabera falar em hum misteiro tão levantado? Só nosso Padre São Francisco o pudera fazer como convem, com grande devoção que lhe tinha.»⁴⁰

A partir desta filiação franciscana, assumida com generosidade, como se sabe, nos próprios escritos originais e regrais de S. Clara, as colecções de crónicas do mosteiro xabregano registam, imediatamente de seguida, este colóquio tão significativo quanto sublime, oferecendo um programa de exercícios devotos e espirituais que marcavam a *praxis* religiosa de cada uma das freiras, procurando nitidamente prefigurar um itinerário capaz de se elevar até ao contacto místico. Este percurso principia por se apropriar da história exemplar das religiosas da Madre Deus, como se esclarece no diálogo seguinte:

«(Leonarda) Digame Vossa Reverencia quando o santo fez aquelle Prezepio, em que não pos o Menino, não lhe apareço o Senhor em carne como quando naço em Betlhem?

⁴⁰ BNL - Catarina das CHAGAS; Joana da PIEDADE e Margarida TRINDADE (atribuído a), *Notícia da fundação do Convento da Madre de Deus de Lisboa das Religiosas Descalças da Primeira Regra de Nossa Madre S. Clara* [Cod. 10998], fl.5.

(Vigaria) Si por certo e nao so elle o vio, mas tambem hum homem devoto.

(Jacinta) Quem me dera que fomos tão devotas e ditozas, que nos acontecera agora o mesmo.

(Febronia) Se o dezejais procuray ser tão santa como as muitas que nesta caza tem avido e eu vos siguro que se assy o fizerdes que vos não faltem vizoins.»⁴¹

A contemplação dos mistérios da Natividade, particularmente concretizada na exacerbação da ideia do de um Cristo menino pobre, parece ter mesmo especializado, de facto, um momento de particular devoção espiritual da comunidade coletina, reafirmando não apenas um programa claustral, mas erguendo, sobretudo, um itinerário de perfeição regral que deveria enformar a vida de cada uma das religiosas. Os colóquios seiscentistas da Madre de Deus, apesar das suas vertentes compósitas, estendendo-se do cronístico ao hagiográfico, oferecem uma sinopse importante desse verdadeiro manifesto espiritual, apresentando fulanizadamente as diferentes freiras coletinas a render a sua própria homenagem contemplativa ao presépio e, principalmente, procurando comunicar com esse menino Jesus pobre e despojado, quase mendicante. Num dos diálogos de mais profunda intensidade espiritual que se conseguem identificar na documentação manuscrita que temos vindo a seguir, orbitando em torno da terceira oitava do Natal, divulga-se com generosa elevação o seguinte colóquio em que, individualmente, se consagra a contemplação especializada de cada uma das religiosas coletinas. Apesar do seu carácter tópico e edificante, afigura-se ser indiscutivelmente um caminho de recolhimento místico que os colóquios tratam de sugerir, apresentando ainda este percurso como o património espiritual mais sublime e especializado da comunidade de religiosas pobres:

«(Abbadeça) Justamente vos podeis queixar de nos (meu Deus e meu Senhor) de aver quatro dias que nos aquentamos em muy boas fugueiras sem vos avermos

⁴¹ BNL - Catarina das CHAGAS; Joana da PIEDADE e Margarida TRINDADE (atribuído a), *Noticia da fundação do Convento da Madre de Deus de Lisboa das Religiosas Descalças da Primeira Regra de Nossa Madre S. Clara* [Cod. 10998], fls.5-6.

pensado, e enfaixado, senão que vos temos nuzinho em esse prezepio, morrendo de frio.

(Vigaria) Tendo o coração tão abrazado em nosso amor, dulcissimo menino, como tremeis tanto?

(Febronia) O fogo de seu amor o abraza e o frio de nossos coraçoins o fas tremer, tomeo a madre Abbadeça e penso, e cheguemonos todas a elle com verdadeira charidade e os tremores sessarão.

(Abbadeça) Ora pois, em quanto eu fasso esse officio cada hũa de Vossas Reverencias lhe diga o que a sua devoção lhe dictar, ou lhe faça alguma petição.»⁴²

A partir daqui, desta verdadeira sugestão tratando de vincular e especializar a devoção à Natividade e, mais concretamente, ao presépio como etapa espiritual de aprofundamento da intensidade da oração, o verdadeiro veio passível de gerar o «calor» indispensável para fundar a vocação contemplativa das clarissas coletinas, começamos a identificar um autêntico cortejo comunitário, verdadeiramente dramático e «teatral» em que, uma a uma, todas as religiosas oferecem -- e, naturalmente, representam -- a sua oração e o seu amor espirituais ao menino Jesus:

«(Vigaria) Eu vos digo meu senhor que so a vos quero, e vos pesso que nunca outra couza alguma queira, e que antes perca a vida que perder tão briozos pensamentos.

(Febronia) Eu offreçovos sincoenta, e oito annos de Relligião, e lembrovos que me não contento com menos paga, que com a de me dardes a vos mesmo.

(Alexandra) Pareseme senhor que esta petição será a de todas nos, porque certo que nenhuma trouxe outra pertença a esta caza, fazeinos firmes, e perfeitas nella por vossa mizericordia.

(Mauricia) Eu abrazome com vossos divinos peis, e determino não vos larguar como outro Jacob athe me

⁴² BNL - Catarina das CHAGAS; Joana da PIEDADE e Margarida TRINDADE (atribuído a), *Notícia da fundação do Convento da Madre de Deus de Lisboa das Religiosas Descalças da Primeira Regra de Nossa Madre S. Clara* [Cod. 10998], fls.190-191.

dardes graça pera vos amar da maneira que vos quereis que o fassa.

(Macharia) Rogovos meu Jesus que imite a Virgem nossa Senhora esta escrava nossa e sua em contemplar com admiração e silêncio vervos nesse Presepio.

(Machrina) Pessovos meu Deus que eu vos sirva toda a vida com a fedilidade do glorioso São Joseph, e que me queirais tanto, como quizeste a elle.

(Urbana) Eu quero ser tão obediente como Abraham, e ajuda vossa pera cortar as cabessas a todos os filhos de minhas paixoins, para que vos fassa sacrificio de huma perfeita mortificação.

(Erena) Eu dezejo ser muito penitente, e viver tão solitaria neste convento como se estivera em hum dezerto sem aver creatura alguma que me divirta de ouvir vossa vos, fazei que seja dulcissimo espoz.

(Camilla) Pessovos senhor graça para ser perfeitamente pobre assy de espirito, como temporalmente, não querendo, nem dezejando mais que os beins do Ceo nem tendo mais que o forsozamente necessario.

(Sabina) Consedeime meu Redemtor inteiro conhesimento proprio, e perfeita humildade, e verdadeira contrição e fortaleza, contra mim, e contra todas as tentaçoins para sempre vos seja agradavel, e nunca perca vossa graça.

(Claudia) Se essas lagrimas (menino de minha Alma) são por mim, eisme aqui rendida a ellas, derramayas em meu Coração e ficara abrazado e vos contente.

(Jacinta) Sede bom Pastor, pera mim e fazeime devotissima do divino pasto do Sanctissimo Sacramento e daime continua fome deste doce manjar.

(Metildes) Tibi soli peccavi, tibi soli peccavi, tibi soli peccavi; a huma tão grande pecadora, não lhe convem outras palavras; Pessovos senhor miziricordia.

(Izidora) Pois eu confesso que vos quero muito, mas ainda vos quizera querer muito mais; levaime ao Ceo que já não posso sofrer este desterro.

(Feliciana) Pessovos senhor a virtude da paciencia, e inteira conformidade com tudo o que quereis, e que não haja para mim outra pretensão, mais que a de querer em todas as couzas vossa mayor gloria.

(Marcella) Fazeime meu Deos muita amiga de padeçer, e que vos siga, não com huma Crus senão com muitas.

(Leonarda) Eu pessovos muy encarecidamente, graça para pella sua peccar por vos não offender.

(Loduvina) Meu redemptor fazeime devota de vossa sagrada paixão, e daime Dom de lagrimas para chorar a imitação de meu Padre São Francisco e de minha madre Sancta Clara.

(Eufrazia) Offeressovos divino espozoz a vontade que desde tão menina me destes de vos servir, e a que tenho de se me chegar o dia venturozo de sigurar minha boa sorte e fazer profição de perpetua escrava vossa.

(Abbadeça) Se tivermos o espirito de nosso Padre e seus companheiros viramos vizivelmente assistencia de nosso senhor vivo em meyo desta pratica, como aconteço quando elle lhes mandou que falassem de Deos, e o fizerão, como Vossas Reverencias agora por obediencia, e foi tão asseita a sua magestade que falarão altissimamente, e o senhor se lhes mostrou e os deixou raptos a todos aseitay meu Deus a pobreza de nossa devação; e consedeime tuydo o que estas madres vos pedirão, pois necessito de espirito bobrado para fazer o officio de Abbadeça de modo que vos sirva, e não arrisque minha salvação, e vos madres de Deos receey em vossos braços vosso filho e alcansainos o despacho de todas nossas petiçoins, e continuemos madres em falar das nossas Freiras, que ja gozão daquilo porque suspiramos, e que tão cuidadosas forão de o procurar.»⁴³

⁴³ BNL - Catarina das CHAGAS; Joana da PIEDADE e Margarida TRINDADE (atribuido a), *Noticia da fundação do Convento da Madre de Deus de Lisboa das Religiosas Descalças da Primeira Regra de Nossa Madre S. Clara* [Cod. 10998], fls.191-196

Repare-se que, significativamente, este longo itinerário em que a *forma de vida* coletina se vai expressando em exemplos de devoção e espiritualidade individuais procura concluir-se com a evocação desse quadro fundamental da história clariana que, marcado pelo reencontro entre S. Clara e S. Francisco, especializara um caminho de elevação mística, estribado na potenciação da oração -- precisamente um episódio que, reproduzindo as tradições cronísticas franciscanas que se estendem dos *Actus* ao *Floreto*, passando pelos célebres *Fioretti*, havia sido acrescentado por um dos mais importantes colaboradores de D. Leonor, o menor observante Frei Diego de Leiria, numa versão manuscrita da *Vida* da santa de Assis que a rainha lhe viria a encomendar para oferecer à comunidade das clarissas de Xabregas...⁴⁴ De qualquer modo, em linhas gerais, este sublime colóquio, tratando de vincular toda a comunidade coletina à contemplação da Paixão por intermédio do mistério da Natividade constitui um momento narrativo praticamente irrepetível no conjunto das *Notícias* que procuraram fixar a história colectiva e individual do cenóbio coletino da Madre de Deus. Apesar de escrita em 1639, certamente pela madre abadessa Joana da Piedade, esta parte do tratado manuscrito encontra-se largamente estribada em apontamentos anteriores, certamente da autoria de soror Mariana do Lado, acolhendo e reunindo ainda algumas colecções documentais originais da casa das clarissas de Xabregas⁴⁵. Permite, assim, este colóquio, não obstante a distância cronológica, uma aproximação pertinente à espiritualidade que se foi especializando nas comunidades coletinas ligadas a D. Leonor, nas quais, para além da elevação da devoção penitencial e disciplinante quaresmal, parece ter assumido posição axial a reflexão largamente aberta à espiritualidade proporcionada pela Natividade. No entanto, para além deste veio geral, o que se afigura mais relevante neste reportório de declarações das religiosas coletinas julga-se ser o entendimento pobre e denso da Paixão, motivo que se cruza novamente com o tema da nupcialidade com Cristo, direcção que várias vezes se acredita apenas poder ser alcançada através de uma contemplação intensa escorada verdadeiramente nas lágrimas e na imitação dos paradigmas que eram

⁴⁴ SOUSA, *ob. cit.*, I, 434. O estudo dos textos e regras de S. Clara organizados e traduzidos por colaboradores de D. Leonor encontram-se publicados e discutidos na mesma obra, III, 493-572. O manuscrito a que nos referimos encontra-se em ANTT, Ms. da Livraria, n.º738.

⁴⁵ ANTT, *Mosteiro da Madre de Deus de Lisboa (Xabregas)*, M.2, fls.3-9; *Xabreganas*, Livro da relação das religiosas [B-47-46], n.º1177.

naturalmente S. Francisco e S. Clara, restaurando e reproduzindo o exemplo das suas vidas e da sua espiritualidade...

Estas sugestões e temas de carácter elevado, plasmados por uma espiritualidade que se afigura, apesar dos cenários e motivos tradicionais, largamente específica e renovadora, não deixam imediatamente de obrigar a evocar o desenvolvimento da literatura mística que a reforma do mundo regal e vocacional das clarissas acabaria por potenciar. Trata-se, porém, de uma zona da história da espiritualidade no Portugal contemporâneo de D. Leonor largamente desconhecida e muito difícil de explorar, escasseando mesmo os indícios passíveis de, com rigor, explicitar pistas capazes de nos conduzirem à identificação de obras e autoras que, ligadas à reforma da Segunda Ordem franciscana, tenham vertido em escrito não apenas as suas experiências claustrais e individuais, mas principalmente os programas de intensificação das práticas e lições de uma espiritualidade que sugere frequentemente experiências místicas relevantes e peculiares... E, no entanto, a literatura mística clarissa desenvolveu-se generosamente noutros horizontes europeus, oferecendo textos de importância sublime, gerando até sugestões importantes aproveitadas pelo teatro religioso.

Deve recordar-se, pois, que a segunda metade do século XV é marcada pelo aparecimento de uma série importante de tratados e textos místicos da autoria de clarissas quase sempre vinculadas a movimentos e meios reformados. Para começar, impõe-se a figura maior de S. Catarina de Bolonha (1413-1463) e o seu célebre *Tratado das sete armas espirituais*, oferecendo comparações guerreiras e cavaleirescas, cujas características dominantes afiguram-se ser a contemplação do Verbo incarnado no seu aspecto de terno e suave infante, potenciando essencialmente a celebração do Natal na intimidade contemplativa monástica, vertente que, como se viu, parece constituir mesmo um dos patrimónios devocionais e espirituais mais importantes das comunidades coletinas portuguesas.⁴⁶ A obra de S. Catarina representa quase uma «dramatização» que, em luta contra as potências das trevas, vai detalhando um conjunto de armas que, afinal, não deixa de ressaltar da hereditariedade ascético-mística franciscana: desconfiança de si próprio em contraste com a confiança em Deus; memória da própria morte, memória da glória divina e, principalmente, memória da Paixão.⁴⁷ Oferece-se, contudo, uma caminho diverso dos itinerários místicos

⁴⁶ Ignacio OMAECHEVARRÍA, *Las Clarissas a traves de los siglos*, Madrid, s/d., 122-123.

⁴⁷ Massimo PETROCCHI, *Storia della Spiritualità italiana (secc. XIII-XX)*, Roma, 1984, 159.

«benignos» de S. Boaventura, preferindo-se realçar uma espiritualidade militante, uma interpretação densa e dura da Paixão.⁴⁸ É uma especialização espiritual que se encontra igualmente na acção de Eustaquia de Messina que, no princípio da segunda metade de Quatrocentos, haveria mesmo de transformar através da sua imaginação mística o convento das clarissas da sua cidade natal numa espécie de Terra Santa, nele localizando em diversos lugares a gruta de Belém, a casa da Nazaré, o Cenáculo, o Pretório, o Calvário e o Santo Sepulcro, informando uma renovada espiritualidade da Paixão, caracterizada pela densidade dramática e teatral.⁴⁹ Trata-se de um itinerário de espiritualidade que conduziria, já no final do século XV e nos primeiros anos de Quinhentos, à reflexão renovadora de Camila Bautista Varano, clarissa observante professa no cenóbio de Urbino, responsável por insinuar na meditação geral sobre a Paixão o tema das dores mentais de Cristo, em ligação com a elevação da oração mental pessoal.⁵⁰ Insistindo no tema da revelação do sofrimento e da dor da alma de Cristo no Calvário -- dor pelos pecadores e pelos eleitos, dor pela Mãe, dor por Maria Madalena, dor pela traição de Judas, dor pela ingratidão do povo judaico ... -- a beata clarissa haveria de insistir numa via mística escorada num sofrido caminho ascético que, de novo, aprofundaria uma conceptualização verdadeiramente violenta da Paixão.⁵¹ Uma espiritualidade que, com esta morfologia, com estas imagens, parece ter-se também concentrado progressivamente em D. Leonor, não tanto em textos e reflexões escritas, mas principalmente numa importante e irrepetível colecção iconográfica, das miniaturas iluminadas às grandes representações retabulares...

Sabemos infelizmente muito pouco acerca do tema da literatuta mística nas comunidades de clarissas coletinas portuguesas. E, no entanto, algumas religiosas aparecem por vezes evocadas em algumas memórias e notícias hagiográficas como autoras místicas de algum interesse. Tal é o caso, por exemplo, de soror Maria das Chagas, religiosa que professou no

⁴⁸ *Estão enganados os que procuram o serviço de Deus querendo servi-Lo com doçura e suavidade de espirito e paz mental, porque isso não é aquilo que Deus requer aos seus fiéis servos, antes os convida para a batalha* (Cit. por Massimo PETROCCHI, *Storia della Spiritualità italiana (secc. XIII-XX)*, Roma, 1984, 161).

⁴⁹ Ignacio OMAECHEVARRÍA, *Las Clarissas a traves de los siglos*, Madrid, s/d., 127.

⁵⁰ Ignacio OMAECHEVARRÍA, *Las Clarissas a traves de los siglos*, Madrid, s/d., 127-128.

⁵¹ Massimo PETROCCHI, *Storia della Spiritualità italiana (secc. XIII-XX)*, Roma, 1984, 179-181.

cenóbio da Madre de Deus à roda de 1520 e que se viria mesmo a tornar uma das freiras dilectas da rainha D. Catarina, ela também uma continuada protectora da comunidade xabregana. A professa coletina parece ter sido autora de versos espirituais importantes que eram conhecidos e utilizados na comunidade. Assim, nas *Notícias* seiscentistas da casa fundada por D. Leonor uma religiosa interveniente nestes colóquios memoriais recordava que

«tenho grande desgosto de ler os seus versos porque são muy espirituais e cheos de amor de Deus, e bem se ve nelles o muito que esta sancta madre gozava.»⁵²

No entanto, em termos memoriais e hagiográficos, o exemplo mais importante -- mas também mais estranho -- de uma autora mística coletina portuguesa ressalta novamente da história de uma religiosa professa no mosteiro da Madre de Deus, desta vez uma figura da estreita confiança de D. Leonor: soror Auta da Madre de Deus. A sua biografia encontra-se marcada pelo inusitado. É apresentada como filha de uma personagem de extracção nobiliária que ensinava na Universidade e que obrigava a futura clarissa a vestir trajes masculinos para ouvir Cânones e Teologia. Soror Auta acabaria por ficar tão qualificada nesses saberes que, depois da morte do seu pai, se aprestava mesmo para o substituir na docência quando foi precisamente denunciado o seu estado feminino. Seria, então, acolhida na casa de D. Leonor, tornando-se uma das suas colaboradoras mais íntimas, ajudando mesmo a soberana a rezar os officios divinos.⁵³ Documentadamente, sabemos, de facto, que a servidora leonorina professou logo em 1509 na primeira comunidade de clarissas coletinas da Madre de Deus.⁵⁴ A partir da sua entrada no cenóbio xabregano viria a colaboradora leonorina a tornar-se autora de vários monumentos litúrgicos, memoriais e espirituais, atribuindo-se-lhe versos místicos dedicados à Virgem e a Cristo, a realização das *Lições da Antífona Grande de S. Auta*, bem como a fixação dos primeiros apontamentos memoriais da experiência individual e comunitária da casa

⁵² BNL - Catarina das CHAGAS; Joana da PIEDADE e Margarida TRINDADE (atribuído a), *Noticia da fundação do Convento da Madre de Deus de Lisboa das Religiosas Descalças da Primeira Regra de Nossa Madre S. Clara* [Cod. 10998], fl.101.

⁵³ BNL - Catarina das CHAGAS; Joana da PIEDADE e Margarida TRINDADE (atribuído a), *Noticia da fundação do Convento da Madre de Deus de Lisboa das Religiosas Descalças da Primeira Regra de Nossa Madre S. Clara* [Cod. 10998], fls.327-328.

⁵⁴ ANTT - *Xabreganas*, Livro da relação das religiosas [B-47-46], nº1177, fls.9-9v.

fundada por D. Leonor...⁵⁵ Nenhum destes textos parece ter, actualmente, sobrevivido. Trata-se, contudo, de uma situação que não deve obstar totalmente a que se possa pensar que a profundidade da religiosidade e da espiritualidade das primeiras casas de clarissas coletinas portuguesas não tenha produzido algumas obras, nomeadamente memoriais, dramáticas e poéticas, plasmadas por uma renovação mística pautada principalmente por um conhecimento intenso, mendicante e denso da Paixão, em comunicação, duplamente, com as sugestões potenciadas pela reforma coletina, mas também seguindo algumas das principais devoções que mobilizaram constantemente o mecenato, a protecção e a oração de D. Leonor...

Ivo Carneiro de Sousa

Summary: In the year 1509, the queen D. Leonor (1458-1525) founded the monastery of Madre de Deus, which soon became the most important center of the Coletine reform of the Order of S. Clara in Portugal. This article examines the specificity of the Coletine spirituality developed within this religious institution, linking them to the spiritual and religious influences related to D. Leonor.

⁵⁵ BNL - Catarina das CHAGAS; Joana da PIEDADE e Margarida TRINDADE (atribuído a), *Notícia da fundação do Convento da Madre de Deus de Lisboa das Religiosas Descalças da Primeira Regra de Nossa Madre S. Clara [Cod. 10998], fls.327-328.*

